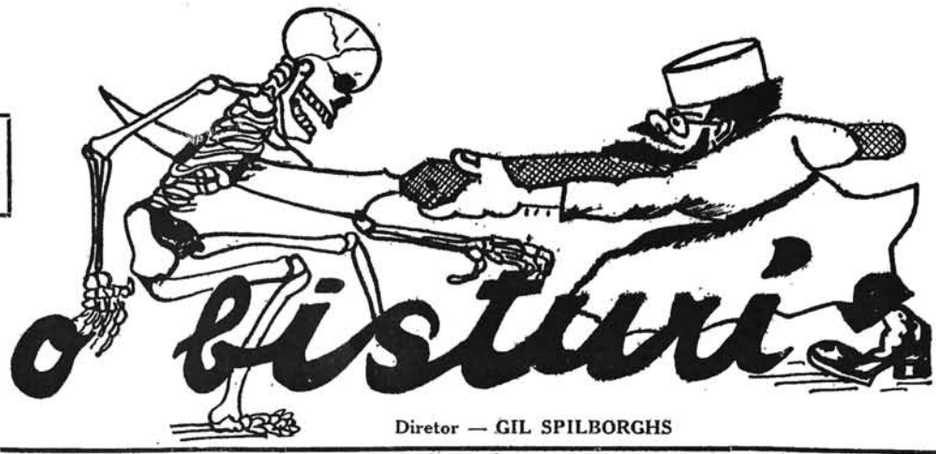
REDATORES:
Cecilio J. Carneiro
João Marques de Castro



Diretor — GIL SPILBORGHS

ANO I | Periódico literario, humoristico e noticioso | Faculdade de Medicina de São Paulo, 25 de Março de 1933 | Redação: Avenida Dr. Arnaldo | N.º 1

Aparecimento... e agradecimento

O "Bisturí", na impossibilidade de poder curvar-se num agradecimento espinhal como era da sua vontade, pois sua coluna não tem articulação, vem por meio da mesma, articular algumas palavras sem som, em regosijo por estar de novo circulando, e falando mal e retalhando a vida dos colégas, graças a uma injecção de oleo canforado da bôa vontade do presidente.

O nome do presidente é quilometrico. E si aqui na Escola, alguem chama-ló por seu nome todo, é bem possivel que não se saiba de quem se trata. Tambem um nome deste tamanho, até cansa enuncia-lo inteiro. Olhem só: Paulo Vieira de Carvalho da Silva Gordo, uf!!! Que canseira.

Uns chamam-no de Paulo, mas a maioria é de Gordo. Gordo para cá, Gordo para lá. Isso desde o primeiro ano. Naquele tempo ele era magro e nem sonhava ser presidente do Centro. Mas sendo chamado durante 4 anos consecutivos de Gordo, a todo o momento, resolveu engordar para se tornar no físico coerente com o nome.

Não sei si foi muita vontade ou bons fortificantes. A verdade é que engordou mesmo. Agora é gordo no nome e no físico, e tambem presidente do Centro, o que nunca sonhou ser, quando na "peruada" levou o seu trote de calouro e de batismo. Quem haveria de dizer então, que 4 anos mais tarde, seria o nosso presidentet.

Por isso que o "Bisturí" aparecendo, rende homenagens ao Paulo Gordo e agradece a injecção estimulante.

Ao lado de uma cruz

... no meu funereo porte"
eu sou na morte o símbolo
da vida".
(CID FRANCO — Musica extinta).

Num dos dias de negro presagio para nossa patria, quando as fronteiras polígonaes do nosso Estado se juncavam de cadaveres de homens irmanados debaixo do pavilhão auri-verde, os jornaes num laconismo sombrio noticiaram a morte de um dos professores da nossa Escola.

Morrera o professor Souza Barros...

Nós que o conheceramos ali naquele gínasio da Varzea do Carmo, em momentos fugases ante a banca fatal de exames não podiamos avaliar a perda que a morte desse homem nos representava.

Nos momentos que se seguem a morte de um homem, a sua vida passa deante de nós como um tropel de sombras, donde sáem as qualidades moraes e materiaes que constituiram suas normas de vida.

E em impressões tomadas aqui e acolá aquilatámos o valor do recem-morto.

Quando a pedra tumular o separou dos vivos compreendemos, só então, que ele fôra a forma mais acabada de professor e de homem.

Não era o ultimo. Mais duas vezes naquele ano de 1932 a Parca cruel havia de visitar a nossa Escola, roubandonos os hômens que mais a caracterizavam.

Milward e Barrinhos, representavam a austeridade cientifica da nossa Escola, e o Borba o colléga na acepção verdadeira da palavra.

Aqui fica, Barrinhos, uma saudade dos alunos da Faculdade de Medicina de S. Paulo, que em poucos mezes de trabalho, puderam crêr que eras um dos seus amigos.

FEMINA

Por MARTINUS.

Advertencia preliminar

Não desejo ofender ninguem com este artiguete, diga-se de passagem. Pois o meu respeito ás vassouras é consideravel. Não porque dóe uma vassourada impulsionada por mão de um anjo. Não é isto, embóra não me acreditem aqueles que já têm experiencia propria no assunto. O respeito refere-se exclusivamente aos arranhões, ás aranhas mortas, semi-mortas ou vivas, ás baratas, aos pedaços de casca de banana, aos batons e outros animaliculos simpaticos que costumam enfeitar as vassouras.

Pois ao que me informaram, as limpas filhas de Eva não se dão o trabalho de desenfeitar, desapendicularisar, o dito objéto de respeito antes de utilisa-lo no dito sentido acima indicado ou imaginado.

Quero, desejo, apraz-me indicar apenas o meu ponto de vista neste ultra-teosofico problema dos problemas. Está aí "apenas" apenas para constar. Não imagine o gentil leitor ou a bela leitora (Não haja medo, não preciso de emprestimos!) que a minha modestia vá tão londe de dar um sentido real áquele "apenas" Pelo contrario, creio que a minha opinião diz o maximo de verdades a respeito do sexo fraco que se póde obter de um objéto tão voluvel.

Voilá:

1.º) — Se encontras uma gentil senhorita na rua, é um perigo aproximar-se. Já o sabes. Se ela tiver idéa que papae, mamãe, mano, titio, noivo ou outro qualquer dos apetrechos que costumam cercar uma senhorita a estão observando, ai de ti. Será um desabamento de mundos e céus.

2.º) — Se ha uma amiguinha a observa-la, pódes regosijar-te. Ela precisa mostrar que tem admiradores, fazer inveja ás companheiras. Sem mais aceitará a sua côrte. — Mas suma a amiguinha na esquina proxima, ha outro escolho a transpôr. Ficarás a pé, enquanto ela se afasta sob qualquer pretexto, se não soubeste no instante conquistar suas bôas graças.

3.º) — Porque quando lhe contaste aquela historia ela disse "oh", não foi porque te admirava, mas porque desejou mostrar seus belos dentinhos a algum transeunte. O mesmo acontece para quasi todas outras exclamações.

4.º) — Se ela rir de sua graça, idem idem.

5.º) — Se ela te diz a sua opinião, reuna todo seu cepticismo. Pois ela escolhe as opiniões segundo as palavras que as exprimem lhe resaltam a beleza dos labios.

6.º) — Se ela diz que gosta de ir a pé, é para te mostrar que é economica.

7.º) — Se ela o faz realmente, é unicamente para mostrar seus belos tornozelos e pésinhos.

8.º) — Uma mulher cujos membros inferiores mostram defeitos sempre prefere o automovel, ao menos depois do casamento, quando tu pagarás.

9.º) — Se ela te diz que deseja encontrar-te em salões e não na rua, pódes estar certo que a luz natural prejudica os seus ecantos. E vice-versa.

10.º) — Quando encontrás 2 mulheres em companhia, é porque cada uma se considera mais bonita que a outra.

Nenhum castigo é mais cruel para uma mulher do que a obrigação de se mostrar junto com outra que ela considera mais bonita que a si mesma. Aliás, poderia eu ter-me poupado o enunciado desta proposição, pois nunca se encontra esta opinião.

11.º) — Conheço um modo de distinguir virgens e não-virgens espirituaes. Mas não convém divulga-lo, pois após a divulgação não haveria mulher entre 10 e 100 anos que não fosse virgem, embóra já tendo uma duzia de filhos.

Nota: — Aplico o termo "virgem" no sentido moderno, pois virgens no sentido archaico não pódem existir na época dos cinemas, dos flirts, dos bailes... E nem seria bom que existissem.

12.º) — Conseguir liberdades de uma senhorita sem prometer-lhe matrimonio?

E' facilimo. Ha tres caminhos:

a) Convence-la que és discreto e que em hipótese alguma a desposarás;

b) Convence-la que és defeituoso demais para que te possa seguir em matrimonio;

c) Toma-las em momento oportuno.

Nota: — Todos momentos são oportunos, exceto os em que se acha em vigor o item 1.º.

13.º) — Na classificação dos animaes de Lutz, a mulher se enquadra no tipo refletorio:

O reflexo obrigatorio a um olhar masculino é sempre espelhar e empoar-se.

O reflexo obrigatorio a um encontro com outra mulher é virar-se para criticar o vestido da "outra"

14.º) — Quando uma mulher se associa a uma sociedade altruistica, o homem ingenuo acredita que ela se interessa pelos seus fins. Na realidade o que se dá não é bem isto. A causa real é muito mais simples do que a logica masculina, sempre a procura de causas imoraes, moraes, ultra-moraes e transcendentaes, possa conceber.

E' que o emblema representativo da sociedade em questão resalta a sua beleza de algum seu vestido...

Não quero negar com isto que a causa de sua adesão podem ser igualmente aos rapazes que frequentam a associação de que falamos.

Exceção fazem as sociedades de reidivicações feministas. Nestas, como mostrou a pouco o "caso" da nomeação de uma representante do belo sexo para uma comissão oficial, o **motus agendi** é a verdade e o **modus agendi** é o estrilo.

15.º) — A hipocrisia é uma arte no homem, uma virtude na mulher (virtude problematica, é evidente. Mas foram ELAS que a instituiram, e assim uma oposição seria perigosa.)

16.º) — O mercurio deveria ser do genero feminino. Como uma mulher é voluvel, nunca tomando a direção que lhe desejamos imprimir, a não ser que esteja completamente cercado. E, como uma mulher, dificilimo é cerca-lo, pois não oferece resistencia a nenhum ataque, mas vive fugindo, seguindo o lema — "A força da mulher é a fraqueza"

Poderia eu acrescentar mais outras tantas criticasinhas, mas prefiro me deixar nestas mais inocentes, porque senão a vassoura indesapendicularisada vem mesmo...

Paulo gordo

O nosso presidente. Pela sua simpatia no trato com os colegas bem mereceu a vitória que o eleva á presidencia do "Centro Academico Os-

waldo Cruz" e a cuja operosidade devemos a resurreição do "Bisturí".

Seu retrato aqui estampado não é só uma homenagem que lhe presta o "Bisturí" mas sim de todos os colegas que o estimam como merece.

Ao Paulo, uma feliz gestão nos destinos do nosso Centro.

A Loura de Konigstrasse

"Preciso de um companheiro melancólico e bizarro como você. A "tournée" pela Europa, a seu conselho, foi horrivel, exasperou-me ainda mais. O meu estado não quer paisagens bonitas, mas sim um logar tenebroso onde a gente possa se entregar a "rêvéries" doentias... Amanhã estarei aí."

Procedente de Berlim, este bilhete laconico vinha assinado por Karl Webster, meu antigo collega de Universidade.

Havia já dois meses que eu vivia sozinho, numa pequena casa em ruinas situada no obscuro êrmo á beira-mar, distante umas cinco milhas de Potsdam, na bela Alemanha. A minha forte neurastenia atirára-me ali, onde se acalmava caprichosamente com as lagrimas que eu derramava durante as noites em que divagava ébrio, inconciente, seduzido pela treva e pela nevoa do mar. Assim é que me vinham os pensamentos funestos, deliciosamente tristes — a unica coisa que me deleitava. Este estranho modo de viver já me isolára do mundo, já o meu **eu** era só meu, unicamente **meu,** quando o bilhete atrevido de Karl Webster veiu surpreender-me bruscamente. Entretanto, um monólogo de conciliação soou aos meus ouvidos, já pouco afeitos ás palavras humanas. Foi este:

— Mas o Karl não é um estranho, conheço-o bem. É um fortissimo louco, como eu. Não será uma outra pessôa, será uma outra parte da minha propria pessôa. Quem sabe se não é um homem como ele, o que falta para reprimir esta pequena ansiedade que ainda me resta? Que venha o Karl!

E esperei-o, até com certa ansiedade.

* * *

Já na noite seguinte passeavamos juntos na praia. Karl vinha agazalhado com um capote escuro, comprido, que lhe dava um aspecto sobrenatural. Assentava-me bem, aquele novo espirito. Logo nos compreendemos: e tanto que, por uma hora, andámos em silêncio, concentrados, alheios um ao outro. Pouco antes de nos recolhermos, ele contou-me, com uma voz que parecia vir do Além, o motivo que o trouxéra ali:

— Não sou nada humano, disse ele fixando o olhar doentio no mar parado. — Convenci-me de que a Natureza que inspirou Virgilio e o velho Goethe, é para mim motivo de terror. O sul da França, os lagos da Suissa, os campos da Austria, o sol de Hespanha, tudo isso só serviu para aumentar as terriveis proporções dêsse pesadelo que tenho no cérebro. E, por cima de tudo, — minha última aventura em Berlim...

Aqui parou um instante, associando as idéas. Continuou:

— Königstrasse, 45... Isso mesmo. A vítima foi uma loura fascinante que mora em Königstrasse. Compreende? Amei-a, possuí-a, e logo depois, subitamente, odiei-a, fugi. Aqui estou, o Karl Webster desequilibrado, excessivamente melancólico, depois de uma aventura muito alegre... Esse é o Karl que você já conhece. Já quer condenar-me... Que me diz?

— A história é terrivel, mas é humana, disse eu, pouco impressionado. Mas vamos dormir?...

* * *

Jamais pesadelo tão horrivel me atormentára como na primeira noite que Karl Webster passou comigo. O meu amigo apareceu-me em sonhos todo embrulhado em seu capote escuro, mas muito grande, muito fino, extremamente pálido e aterrador. Chamava-me com voz muito tenue, como se desfalecesse. Custei compreendê-lo, no seu afetado desespêro. De repente vi uma mulher de longos cabelos louros agarrá-lo e desferir-lhe varios golpes com um instrumento brilhante. Ele soltou um gemido horrendo e morreu.

Acordei em sobressalto, confundindo o sonho com a realidade. Os ruidos que eu ouvira não podiam ser de sonho, tão nítidos tinham soado. Erguime inquiéto e meus olhos, que se dirigiram maquinalmente para a janela aberta, viram uma coisa estranha: uma "vitória" que se afastava a galope, em direção á estrada de Potsdam. Um carro por ali?

Num instante, não sei como, acheime diante da porta do quarto de Karl. Estava aberta; empurrei-a, tremendo, e fiquei imovel, frio, diante do que via. A cabeça do meu pobre amigo estava atirada sôbre o tapete; o rosto, muito branco, tinha uma expressão indescritivel de angústia. Do pescoço, horrivelmente cortado, jorrava sangue pelos vasos abertos. Os olhos saltavam para fora, rasgando as palpebras.

No leito estava o corpo decepado do infeliz Karl, coberto de talhos sangrentos e sinais de mordidas fundas...

A noite se fazia mais escura. A treva se espessára de um modo extraordinario. Eu ouvia o mar chorar, ali perto, sob a eterna maldição do terror que o envolvia...

De repente divisei dois fios longos de cabelos louros que o morto segurava com dois dedos torcidos.

— Foi ela! bradei, doido. A loura de Königstrasse!... Não podia ser outra... Vingou-se com a crueldade barbara que a furia lhe deu!

Então veiu-me uma febre forte. Ri perdidamente. Gritei até não poder mais. Não sei o que se seguiu. Creio que enlouqueci. Apenas me lembro de uma unica coisa que eu percebia do mundo exterior.

Era uma voz, talvez do éco, que bradava na treva:

— Não podia ser outra... Não podia ser outra!...

CECILIO J. CARNEIRO.

PREÇOS

Primeira e ultima paginas:

Toda	300$000
Repetição	250$000
Cm. por coluna	3$000
Idem, repetição	2$500

Paginas intermediarias:

Toda	200$000
Repetição	150$000
Cm. por coluna	2$000
Idem, repetição	1$500

Os preços de meia pagina e quarto de pagina seguirão a tabela proporcionalmente.

Gozará de abatimento de 20 % quem tomar uma assinatura de anuncios.

Protesto

Os abaixo assignados, frequentadores assiduos da piscina, vêm por meio deste, protestar veementemente, calorosamente, e permanentemente e tudo o mais em mente, contra os dois banhos de cinco minutos cada um, com os quaes o sr. Arnaldo Pedroso infeccionou a piscina.

Outrosim, pedem os mesmos junto a diretoria que faça com que a piscina seja desinfetada rigorosamente, com o poderoso anti-septico Martinezlisoform que é vendido pelo Espanhol.

Seguem-se as assignaturas dos frequentadores da piscina **ideada** pelo sr. Nairo Trench, **iniciada** pelo sr. Carlos Costa e em vias de conclusão pelo sr. Raul Braga.

Tambem ficou resolvido que as assignaturas desaparecessem para evitar complicações.

C. BENTO.

Poema a uma Rã

... Com as mãos trêmulas, incertas, o olhar desvairado, procurava ele o protosifiloma no manubrio esternal...

(Observation — Act. I — Tragédia — CHIAVERINI).

Aos meus amigos Francisco X. Pinto Lima, Henrique Sosia Jaso e Paulo Camargo.

PRIMAVERA

I

Espaçoso é o charco — taboas ornam o ambiente:
No céu, as estrelas; n'água um cheiro inconveniente

II

Um sapo ama uma rã; fazem um concêrto em fá.
Sim... Psicóses do amor do Hernani de Irajá.

III

A noite é cálida; sapo e rã trocam juras,
Ante o olhar reprovador de duas saracuras.

IV

A fauna do alagado, essa paixão reprova
como mórbida; o sapo só espera é a desova.

VERÃO

I

Verão chegou com seu calor alucinante.
Brilha no céu terrivel sol deshidratante.

II

Torrada, a fauna do paúl sente-se inquieta,
Vendo que a falta d'agua é quasi que completa.

III

Das rãs femeas ou machos, um febril exodo
Se processa; começa a luta pelo lodo.

IV

Errava o sapo amante com presentimentos,
Aflito, em busca da rã dos seus pensamentos.

V

Em mãos dos mercenarios da Fisiologia
Caiu o sapo; quando a vida lhe sorria.

VI

Morreu em experiencias, após horas penosas.
Que lhe valeram as glandulas venenosas?

OUTONO

I

Poderia eu te vêr sangrenta, palpitante,
O pobre ventre teu laparatomisado!
Poderia eu sem pranto, olhar-te ofegante,
A sós num alagado
Ó rã agonizante?

II

Dize si féro, ignívomo inferno ululante,
Representado por garotos implacáveis,
Não te deixou bem longe dos paúes, errante,
Com seus cães indomáveis
Ó rã agonizante!

III

Este [illegible] assim tão arbitrario degradante,
Como a rutura do teu ovóide abdominal,
Não passe pela rama; isto peço no instante
Desta angústia fatal
Ó rã agonizante!

IV

O consôlo que posso te dar não obstante,
É que si caisses na Fisiologia,
Músculos, nervos, coração, a bel talante
Tudo teu sofreria
Ó rã agonizante!

INVERNO

I

Rana esculenta, ao pé do lodo derradeiro
Em que descansas dessa coaxante vida,
Pois aqui venho trazer-te pobre querida,
Saco limfático do sapo companheiro.

II

Pulsou-lhe aquele aféto, puro, verdadeiro,
Que a despeito de todas as drogas injetadas,
Fez, deixando as multidões embasbacadas,
Um charco, superior ao mundo inteiro!

III

Trago-te umas minhocas, restos arrancados
Do lodo que vos viu passar tão bem unidos,
E que agora vos vê, mortos e ressecados.

IV

Qu'eu se tinha planos de vingança, escondidos,
Contra a barbara Fisiologia, imaginados,
Eram planos e nada mais: já estão esquecidos.

JOÃO MARQUES DE CASTRO.

Hontem hoje e amanhã

Sinceramente. Os tempos mudam. Hontem o estudante tinha a sua origem uma ""casa grande" no meio daquelas interminaveis plantações de canas do meio das quaes uma musica horrivel eterisava-se, citarizando no ar a angustia de uma raça secularmente martirizada, carregando dentro de si o castigo de um pae máo, amigo do alcool, que num momento de inconsciencia bania e amaldiçoava seu filho Cham.

Nesse tempo, nos ditosos tempos de monarquia, esse estudante éra o reacionario. Era o coléga indiferente aos que estudavam de dia, ou a luz de uma vela iam buscar nas paginas rotas de livros de sêbo o ideal, ou protegidos pela noite iam retirar do captiveiro, transformando o ideal das noites de insonia em realidade, áqueles montões de carnes fustigas por um sól tropical, e riscadas pelas chibatadas, daquelas senzalas que os posteros, vivendo numa sociedade em que predominará a solidariedade humana, hão de torna-las legendarias duvidando si elas existiram.

Enquanto o edificador sacrificava-se, o estudante filho de escravocata fazia o lirismo de uma época romanticismo tísico.

Estendia a passagem de uma dama formosa, calçada de sapatos de setim e perdularíamente coberta de sedas farfalhantes, a sua capa de D. Juan Tenorio. Fazia pagodeiras em noites de luar e sorvia nas outras o alcool sob forma de um chop que deveria ser bem amargo.

Mal sabiam as damas que o que elas pisavam não era um pano adamascado. O que os seus pés pisavam era o suor do negro que, seguindo dia a dia para a morte, só reagia contra o homem que o escravizava numa forma platónica de suspiros e ais.

O abolicionista contava com poucos companheiros, mas a sua força de ação tornou-o gigante.

Fez-se a abolição...

E eis que o filho de senhor do engenho transforma-se. E de braços dados ao abolicionista faz a republica. O senhor de engenho, escravocata culpa a monarquia do que estava na ordem da marcha das nações. Aqui o abolicionista republicano é preso, numa trama que o aniquila, e nós então ficariamos com uma republica escravocata sem nunca saber-mos quaes eram as vantagens desta forma de governo a não ser a cadeira de senador que um dia nos poderiam dar em troca de uma velha amizade de correligionario.

Tal eram os tempos de hontem...

* * *

Hoje... Ainda vive o lirismo. Em pleno seculo das máquinas fazemos nossas pagodeiras. Somos mais praticos que os antigos. Fazemos nossas pagodeiras em noites de luar e sem luar. Trocámos a viola pela vitrola. E nas noites chuvosas ao som de uma valsa de Lehar, uma atmosfera saturada de fumo de cigarros, charutos e cachimbos, a frente de uma torre de rodelas de papelão e um "tampa" pelo meio discute-se como sabios os futuros não da nação (isso é de outro tempo) mas sim da humanidade.

Somos a geração morta. Aproveitamos o que os outros fizeram e a sombra da gloria passada, fazemos "fréges" e correrias, em nome da tradição. Ruí disse isto, Ruí disse aquilo, e ninguem sabe em que condições e em que época isso foi dito.

Pobre da nossa geração. Não há nem homens nem idéas. Ha tradição narcótica. Choremos sobre ela.

* * *

Mas dentro desse sono entorpecente em que dormimos estão aparecendo sintomas da explosão do ideal que está se alimentando da gloria e da experiencia. Os mais audaciosos já ergueram a vizeira. Preparam-se para o combate contra o reacionarismo. A guarda avançada da geração do futuro já se formou. Amanhã, é preciso que o Brasil não desanime. sairemos do repouzo e nos arrojaremos a conquista de principios mais humanos que farão a felicidade dos homens.

Tende fé pois homens! Não duvideis! A geração de amanhã relegára para o abismo da lenda o lirismo que cerebros enfermiços engendraram e que nos infelicitam.

Não choremos, pois, mais, sobre a geração morta que vivemos. Esbocemos pois a clarinada da alegria e esperemos a geração que se forma, que virá como um filho prodigo descontente com a experiencia dos seculos idos.

EDUARDO MAFFEI.

RADIA FALADORA

C. D. F.

Onda — A Estação não vai na onda.
Voltagem — Nem volta.
Ampéres — 45.
Améres — 35.

Foi levado a efeito em nosso estudio a seguinte irradiação, cujo programa damos abaixo:

I parte — Cantos

Claudino — Hominho, mas forte — Marchinha carnavalesca.

Altenfelder — As minhas unhas solidas — One step.

Martinelli — Uma tarde em Coréa — Valsa bisada.

Farid — Nois quebramo com tudo — Embolada.

Braga — Não ha de ser nada — chôro com orquestra.

II parte — Conferencias

A. Sá — Um caso que se com... plica mas se ex-plica.

Pedroso — Staphylococcose. Um caso interessante.

III parte — Orquestra

Musica sacra — Ave... Ave... — pelos musicos, Hugo Ribeiro, Placo, Macedo e Plinio.

Para terminar — Fuga da orquestra.

Estação transmissora C. D. F. Radio Faladora.

Acontecimentos SOCIAES

Falecimentos

Um infausto acontecimento, veiu trazer a 15 de Fevereiro do corrente ano, um desespero profundo á cadeira de Microbiologia. Trata-se da cadelinha do professor catedratico. Após longa agonia faleceu o celebre canideo.

Este inocente animalzinho vinha lutando de ha muito, contra a ação do terrivel trípanosoma que lhe fôra transmitido barbara e experimentalmente, seis anos atraz.

A extinta deixa numerosa próle trípanosomatosa.

O professor em memoria da finada, denominou um carreiro existente nos terrenos da Escola de Avenida 137, numero este, o da falecida, no martírologio dos animais da Microbiologia.

Ao professor e aos seus assistentes nossos sinceros pesames.

Batisados

O conhecido menino Lacaz, recebeu hontem por via oral, as aguas oleosas da nossa pia piscinal.

Oficiou a cerimonia, o piedoso pastor protestante, sr. Henrique Soria Jaso.

Achava-se o menino dentro da pia piscinal, em decubito dorsal, quando o pastor, imprimindo um movimento vertical de cima para baixo e de fóra para dentro, á cabeça do oficiado fez vêr a este o marmoreo fundo do tanque lustral.

O neofito voltou a superficie sem fala, quer pela alegria de se vêr iniciado, quer pela quantidade d'agua que lhe enchia o faríngе. Arrancado do pelago piscinal por braços amigos, a interessante criança mal se viu firme, nas pernas, manifestou sua gratidão ao pastor em termos do mais fino calão. (Boquejo).

LEISHMANIA.

Poleiro do "Bisturi"

S. C.

Da nossa Escola é a mais bojuda inteligencia
Que já se viu brotar dum cérebro atrofiado.
Esforçado e tenaz, vai em busca da ciencia
Fazendo esportes num par de patins calçado.

Coitado, um sonhador que na sua inconciencia
Pensa um cientista ser de nome consagrado.
Mas que mal isso faz, qual é a inconveniencia
Dele pensar que é um grande sabio ignorado?

Quem o vê preocupado, a folhear com amor,
Parando aqui e ali, e a página anotando
De algum livro de ciencia, fica logo a pensar;

Si devéras está estudando o professor,
Daqui a cem anos, si não morrer, continuando
Outros cem, até a ciencia vai ultrapassar!

MAG. NETTO.

RETALHOS ESPORTIVOS

Como grande virtuose do esporte hídraulico, é com grande jubilo que comunico aos leitores deste mensalario, a recente filiação de um ótimo jovem, ás fileiras militantes do nosso exercito atletico.

Trata-se de um estudante de direito, excelente saltador — o sr. Vernier, mais conhecido entre o pessoal da redação como "Nonio". Ocupa esse rapaz, lugar no quadro dos socios remidos. Como recompensa de seu áto filantropico (lembrai-vos das viuvas e dos orfãos dos estudantes), o brioso "santeur" receberá a caderneta de socio, tipo minor — a tipo major, sendo reservada aos alunos deste prospero estabelecimento de ensino.

Até agora, o unico possuidor dessa honraria era o futuroso menino Claudino Amaral — familiarmente conhecido por Pitoco.

De fonte da mais pura límfa, viemos a saber que o acatado encestador James Brandi, já 20 vezes retirou a agulha, em punções lombares.

Individuos mal intencionados andam insinuando que os pulos do sr. Vernier são superiores ao salto do modesto autor destas cronicas.

Já deveis ter reparado que o salto de Metchnikoff (teimosamente denominado por alguns de "salto da aranha") tem a vantagem sobre os do sr. Nonio — em pôr, em contáto primeiramente com a agua, o perineo do pulador. Não se poderão impugnar ao meu salto vantagens como a limpeza da dita região pelo trauma com o piscinico elemento.

METCHNIKOFF.

Anuncie n'"O Bisturí" que estará anunciando no peridico mais lido pela classe academica.

BOLA AO CESTO

Inicio do campeonato interno de Bola ao Cesto com a vitória do 5.° ano

Realizou-se no dia 22-3-33 o encontro entre as fortes turmas do 5.° e do 3.° ano.

As turmas entraram assim constituidas:

5.° ano — Farid, Claudino, Martinelli, Arantes e Gordo.

3.° ano — Savoy, Gino, Wladimir, Geronimo e Rosinha.

Juiz: Paulo Camargo. Fiscal: Paulo Minervini.

Nos primeiros momentos de jogo houve um certo equilibrio de forças, mas com o desenrolar da pugna a rapaziada do 5.°, conseguiu um predominio quasi completo levando o jogo de vencida. O escore foi de 33 a 9.

Não temos a salientar nomes, tendo todos se esforçado pela vitória de seu bando.

TELEGRAMAS

ATRAZADOS

CERRADO (H) — Major Penteado ancioso falta de noticias colicistite praça 71 Paulo Vampré — Grupo de Metradolhas.

GRAMADINHO (H) — Seguiu S. Paulo estado grave praça Cassio Portugal atacado furunculosinho no braço.

ULTIMA HORA (H) — Preso em fuga levante fina dos Porcos vulgo "bode raspado".

ANUNCIOS

Cadeiras numeradas para o jogo S. Paulo x Palestra e demais informações na casa Butelli.

BÔA RECOMPENSA

Senhora de tratamento procura aflicta cachorrinho estimação que atende pelos nomes de "Vela", "Sobradinho", "Guindaste" e "2 assobios".

Tel.: 5-1406.

SUCESSO — SUCESSO

Causou grande sensação nos meios musicaes a ultima creação de Arnaldo Pedroso e Plinio Barreto "Foi Deus que me fez badalo". Marchinha.

NOTICIA ESPORTIVA

Jogo amistoso entre a II F. C. e a Tech. Cirurgica Golfinho Clube.

Os quadros estão assim organisados:

II F. C. — Lobo, Astor e Queiroz; Lemos, Rubião e Barbosa; Anselmo, Lauro, Jairo, Nebias e Vargas.

Reserva: Manuel.

T. C. G. C. — Costa, Montenegro e Leuzzi; Campos, Piragibe e Rochinha; Coto-bão, Vascunça, Reinaldo, Prudente e Luchesi.

PAJINA LITERARIA

Do fundo do meu Passado...

Por GIL SPILBORGHS.

Você já esteve alguma noite preso no seu quarto, quando lá fóra a chuva punha ruidos nos telhados e rumor na areia côr de cinza dos jardins e notas sonóras na calha de zinco?

Já esteve?

E nunca teve saudades de alguem? E no fundo dos seus olhos nunca adormeceu a sombra de alguem?

Nunca?

* * *

Querida, quando o nosso amor morreu...

Você já pensou nisso? Veja bem, tudo morre. O nosso amor tambem morrerá. Parece impossivel neste momento, tal cousa. Mas você verá. Sabe o que me fez pensar nisto? Foi o pingar da chuva. Este pensamento rolou assim da minha tristeza sem o querer. Decerto porque estou triste e estou longe de você. Mas é bem certo.

Um dia você ha de ter um sorriso ou uma lagrima por este amor. Eu outro pensamento cheio de tristeza.

* * *

Certa vez, eu apanhei uma porção de flôres e passei todas elas sobre o meu rosto, para ter a suave impressão de que era acariciado por suas mãos.

Ficou-me o perfume das flôres. E tive a ilusão que as suas mãos é que haviam impregnado o meu olfato.

Um dia eu tive a caricia das suas mãos e aspirei o seu perfume.

Que aspereza tinham as petalas de flôres e que pobresa de perfume havia no seu aroma.

* * *

A unica cousa que ainda me faz alegre com a vida é a lembrança de você.

Você que nunca soube do papel saliente que teve e tem na minha vida.

Si soubesse, quem sabe si não ficasse triste. Por isso deixei que o meu segredo nunca passasse o muro da minha alma. Ficou vivendo comigo e da sua lembrança.

Você que veio inconscientemente despertar tantas cousas desconhecidas para mim. Essas cousas inocentes que desabotoam dentro da gente e que se tem um medo enorme de perde-las!

NATURALMENTE...

Versos de GIL SPILBORGHS.

Você veiu pra o meu viver naturalmente,
Como ao anoitecer desce a ave no meu ninho...
Como as águas tambem sonoras da nascente
Vão deslisando e vão cantando em borborinho.

Como o terno sabor de um desejado beijo
Que a gente sempre espera e não sabe si vem.
E que um dia em que não se deu o menor ensejo,
O beijo que se quís nossos labios obtêm.

Como a planta que nasce e viceja e floresce.
Como a chuva que cái e depois se evapora.
Naturalmente assim, eu quís que você viesse,
P'ra não decepcionar quando se fôsse embora.

Naturalmente como a flôr que não perfuma
Mais, e que vai morrer ao fim da primavera,
Eu quero que tambem mágua fique nenhuma
Quando o nosso amor não fôr mais que uma quiméra.

Como nasceu quero eu que morra o nosso amor.
Como se esfolha a flôr em dia de bonança,
Numa tarde sem vento e calma, e sem tremor
Como um sono inocente e puro de creança.

E quando só restar do nosso amor saudade
Do lindo sonho que a gente sempre acarinha,
Eu que nunca a esqueci, terei a felicidade
De sentir que fui seu e que você foi minha!

PIADAS

PELE MACIA E SUA FAUNA

Pasteur ao lançar as bases de uma nova ciência nunca iria supor que anos após iria surgir num país da America do Sul uma faculdade de medicina e nessa escola um individuo que Darwin desejaria possuir para estudar a concorrencia vital dos micro-organismos, transformando-o em cobaía humana. Esse individuo é o sr. Pele Macia. Possue uma fauna por todo corpo que as moscas não pousam nele sem ser uma proeminencia espinhosa.

Os Staphilococcus aureus, e outros descritos por Pasteur já não existem. Quem examinar uma lamina verá que os seus germens são gorduchos, levando um charuto a boca e tendo em cada uma das mão um badalo patenteado por P. M. F. B. e um estique de hoquei. Pelos bolsos desses germens burgueses aparecem torres, bispos e peões.

Pois bem a historia desse individuo é romantica. Ele ama os seus pacatos germens. Não quer que as más linguas o chamem de Pele Macia, prefere o nome de batismo, porque sua pele é rugosa como um granito.

E' o fornecedor de baterias para a confecção das vacinas Bruschettini.

Em tempo. Ultimamente os germens tem se localizado no cerebro tambem.

E. M.

Descrença

Eu nasci pra vencer e sempre fui vencido.
Eu nasci para amar e nunca fui amado;
Não teve o coração um só ente querido,
Minha vida passou e eu não tenho um passado...

Respeitei a Mulher. E Ela riu-se de mim.
Fui em busca de Ideal. E não cheguei ao Fim.

Quís bem aos meus irmãos, desherdados da Sorte;
Tive a Fôrça e da Fôrça nunca fiz alarde;
Ao mais fraco do que eu nunca soube ser forte.
Fui honesto, fui bom; chamaram-me covarde.

Foi tão longo o meu pranto, amargo meu tormento,
É tão grande a descrença que em meu peito mora,
Que o coração cansou de tanto sofrimento:
Não sabe quando ri, nem sente quando chora!

JORGE AMARAL.

Pedro Paulo Corrêa

PERFIL.

É bom rapaz, amigo, camarada,
Gosta de tenis, joga pouco mal.
Tira aos colegas muita gargalhada
Com seu esp'rito alegre, jovial.

É muito previdente. Segue o exemplo
Do caramujo, aquele animalzinho
Que leva a casa ás costas, como um templo:
Ele leva tambem seu "sobradinho".

Amigo dos colegas, é querido;
Das brincadeiras ri, sem dar ouvido,
Estuda p'ra passar. Faz muito bem.

Amigo do cinema, ama a téla.
E á noite, ao se deitar, pensa em alguem,
Mas não pode dormir, pensando: "véla".

A. C. LIMA HORTA.

Dormir em pé

"Ora, direis, ouvir estrelas" — O. BILAC.

"Ora, direis, dormir em pé, de certo
Perdeste o juizo", e eu vos direi no entanto
Que muita vez, julgando-me disperto,
Acho-me em casa, pálido de espanto.

Trôpego andára toda a noite, enquanto
A bebedeira qual paragua aberto
Ensombrava-me a luz. Saudoso em pranto,
Lembrava ainda o botequim deserto.

Direis agora; Borrachudo amigo,
Como dormes em pé, como é sustido
Teu corpo quando a chuva está contigo?

E eu vos direi: "Bebei com toda a fé.
Pois só quem bebe póde ter sentido,
Capaz de andar e de dormir em pé!...

MAG. NETTO.

PIADAS

Quem não conhece na escola o dissecador da vida alheia? E' o "espanhol". Não perdoa. Nem professor, nem aluno e nem empregado. Ironiza a todos. Gosta de "aspirina". Já foi a Penha, a pé tres vezes. E' colosso em materia de receitar.

Tem gripe? caspa? febre amarela? Só Lysoform, mais aspirina.

Porque, Espanhol, você não descobre um remedio para uma molestia chamada "falar da vida alheia"?

FALADOR...

TROVA

Sendo um sal sem éle, o Sá.
O caso aqui se complica.
Um Antonio sem sal é o Sá.
No Sá o éle se a...plica

MAG. NETTO.

As colunas d'"O Bisturí" serão franqueadas todos estudantes das Escolas Superiores do Brasil que endereçarem suas colaborações para á Av. Dr. Arnaldo, I, onde se acha instalada a séde do Centro Academico "Oswaldo Cruz", ou entregarem diretamente aos redatores deste periodico.

Todos os artigos deverão ser assinádos: assim como a assinatura não exclue o pseudónimo, o pseudónimo não exclue a assinátura.

O autor, será o responsavel pelas opiniões emitidas.

A publicação de artigos assinádos não significa comunhão de idéas entre a redação e o autor.